

Munhoz diz que recessão será retrocesso

ARQUIVO



Munhoz crê que se houver recessão o País voltará a possuir uma economia primária

RAUL RAMOS

A possibilidade de haver uma recessão na economia, como admitiu, em entrevista coletiva, o presidente eleito Fernando Collor de Mello, pode fazer com que o País perca 50 anos e volte a ter uma economia primária, exportadora de produtos agrícolas e minerais. A análise é do economista Décio Garcia Munhoz, que recebe novo choque econômico, nos moldes do Plano Cruzado I, com algumas correções.

Para ele, se o novo Governo tentar conter a escalada inflacionária via recessão, vai enfraquecer ainda mais o mercado interno e a capacidade de investimentos. Em consequência disso, não poderá manter nível tecnológico para competir com produtos industrializados no comércio exterior, voltando a ser uma economia primária. "Não há maior desastre do que isso", assinala Décio Munhoz.

Na sua avaliação, Collor de Mello vai pegar um País ingerível, caso o atual Governo mantenha as regras da economia com a política de juros al-

tos. "Este Governo deveria ter feito já há alguns meses um plano de estabilização". Ainda que repetisse o Plano Verão que ele acha que já nasceu morto, porque arrochou salários e manteve os juros altos — pois, ao menos, daria tempo para o novo Governo respirar, mesmo pegando uma inflação ascendente.

DEESTABILIZAÇÃO

Mantida a política de elevação constante das taxas de juros, segundo Décio Munhoz, as empresas terão sempre que repassar para os preços os juros que pagam aos bancos, porque terão os custos aumentados a cada dia. "Ou aumentam os preços e repassam aquilo ou quebram. Isso significa que amanhã os preços têm de estar mais altos do que ontem, porque o produto que vai para o mercado tem mais juro do que ontem". A seu ver, essa elevação brutal dos juros vem provocando uma desestabilização constante nos preços e dificilmente o País vai aguentar até

março, quando o novo Presidente toma posse, numa situação dessas. "Não há como se chegar a um ponto de estabilização da inflação, com os juros puxados para o alto continuadamente", observou.

Décio Munhoz descarta a tese de que a inflação é causada porque o Governo insiste em gastar mais do que arrecada. "O Governo gasta menos do que arrecada. Se tem déficit é porque a especulação financeira, que o Banco Central e o Ministério da Fazenda sustentam, faz com que se gaste de juros mais do que arrecada. Então, aí está o déficit". Rejeita igualmente a versão de que o Governo expande a base monetária além da conta para fazer frente às despesas. "É outra falácia. O papel moeda em circulação no Brasil, em relação ao produto, mantém um dos menores coeficientes do mundo. É preciso uma lente de aumento para ver a base monetária, e não tem sentido apontar isso como motivo de inflação quando se tem 70 bilhões de títulos na rua, na especulação. Chega a ser risível".